




SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

Director literario:

  
 PAPIM

O SECULO

Director artistico:

  
 PAPUSSE

## O TESOURO DA FLORESTA

(ao JOAO COIMBRA)

◀ — Por ANA PINA — ▶  
 DESENHOS DE EDUARDO MALTA



ERA o Dr. Samuel um velho usurário que só tinha no mundo duas afeições: as filhas e o ouro. Morava num «chalet» encantador, rodeado por um jardim, onde as rosas vermelhas punham uma nota garrida na folhagem sombria. Perto do «chalet», havia uma imensa floresta, sobre

a qual corriam as mais extravagantes lendas. O Dr. Samuel lera num alfarrábio, velhíssimo, que numa certa ala do bosque, havia um tesouro fabuloso. Por essa razão, o velho judeu costumava ir todas as manhãs, passear à floresta, na esperança de que descobriria o tesouro. Certa manhã, em que dava o habitual passeio, ouviu uma voz aflautada, que lhe dizia: — «Bom dia, Dr. Samuel».

Voltou-se e viu, sentado na perna duma árvore, um anão todo vestido de azul.

— Andas em procura do tesouro, velho judeu?

— Que te importa, curioso? voltou o velho médico, temendo que outro, que não éle, achasse o tesouro.

— Muito, Dr. Samuel, porque só eu te poderia indicar onde está o tesouro. Aviso-te já, ambicioso, de que é muito difícil a posse d'ele.

— Não importa, leva-me lá.

O anão saltou ágilmente para o chão e começou a andar, céleremente, diante do judeu. Chegaram junto de uma lage, que o anão afastou, mercê duma mola invisível, que fez mover.

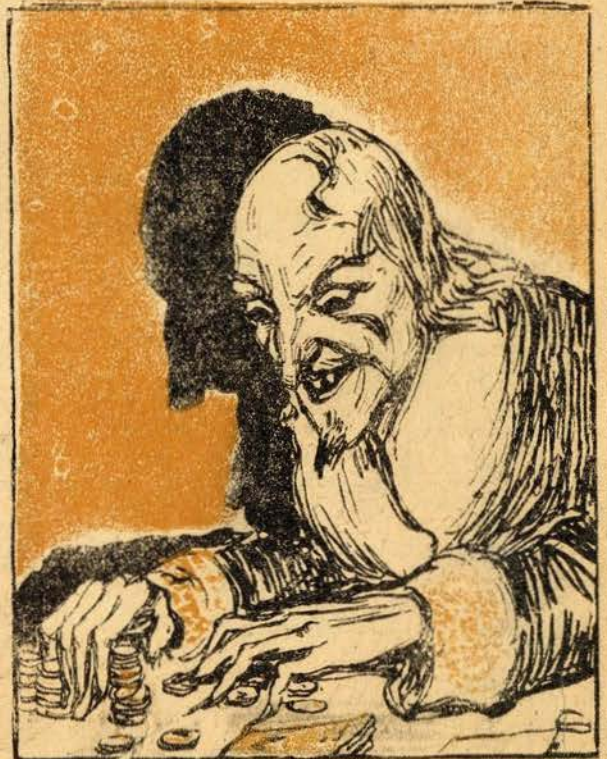
— Eis a entrada; se fores prudente vencerás!

E, ligeiramente, afastou-se. O Dr. Samuel vacilou, mas a sede do ouro venceu-o. Desceu cem degraus e achou-se numa sala comprida, forrada

de veludo «cerise» recamado de estrélas de ouro. Ao centro, uma mesa e duas poltronas. Mal o velho judeu entrou, um gigantesco mulato se inclinou ante éle, dizendo:

— Dr. Samuel, não há no mundo prazer igual ao que o jogo nos porporciona. Minha filha Claribel, é a mais hábil jogadora do mundo. Quereis jogar, doutor?

(Continua na página 4)







## A RECOMPENSA

Por ERMELINDA M. PEREIRA

DESENHOS DE EDUARDO MALTA



ERA uma noite de inverno.

A chuva caía, torrencialmente, sôbre a terra, enquanto os trovões se faziam ouvir de uma forma assustadora.

De quando em quando, os relâmpagos vinham alumiar a densa escuridão que envolvia a terra; o

vento, rugia, ameaçadoramente, levantando em redemoinhos, as folhas velhas das árvores, que jaziam ao redor dos troncos.

O campo estava deserto. Nenhum sêr vivo, aparecia; os animais tinham-se refugiado nas tocas, o homem em suas casas.

Contudo, à luz fugitiva dos relâmpagos, via-se

vir pela estrada que conduzia à aldeia, um vulto caminhando vagorosamente.

Era uma velhinha.

O traje esfarrapado, magra, vendo-se-lhe no rôsto a expressão dum largo cansaço e as privações sofridas através da vida.

Apoiada ao seu bordão, ia tacteando as sinuosidades da estrada e fazia esforços para, brevemente, alcançar um palacete que se distinguia para além da estrada.

Após uma longa caminhada, a velhinha chegava, finalmente, à porta da elegante moradia e, com a mão trémula, bateu levemente.

Veio um criado; ao deparar com a velhinha que, numa súplica, pedia agasalho por não sentir já forças para se dirigir para a aldeia, fechou bruscamente a porta, resmungando.







A vèlhinha, esperançada ainda num auxílio, talvez dos donos do palacête, bateu novamente.

Um ruído de passos se têz ouvir, e a porta abriu-se para dar passagem a um homem, que de gestos bruscos, gritando coléricamente, exclamando que não dava agasalho a vádios, empurrou a vèlhinha duma fôrma brutal.

O nobre e rico senhor, em cuja bôlsa não faltava o dinheiro, e em cuja mêsa não faltavam as melhores iguarias, negava o pão e o agasalho a quem humildemente apelava pela sua caridade.

A vèlhinha continuou o seu caminho, dirigindo-se para a aldeia.

Quem lhe daria agasalho naquela povoação de casinhas modestas e humildes, onde o pão entrava à fôrça de trabalho, dos robustos braços dos lavradores, se o nobre senhor o tinha negado?

Chegou à aldeia. Via-se coar, através das frestas das portas, a luz mortiça da candeia.

Os lavradores, após um dia extenuante de trabalho, sentavam-se, enfim, á mêsa, onde abundava o pão de centeio e o caldo verde ou as batatas cozidas, untadas de bom azeite.

Como seria agradável, à bôa vèlhinha, enxugar as roupas e aquecer os pés molhados e tórpidos de frio, no calôr da lareira, entre os risos das crianças e sob o olhar afável dum bondoso camponês!

Decidiu-se, por fim, a bater a uma porta, cuja casa lhe pareceu das mais póbrezinhas e esperou ansiosa.

A porta abriu-se, e a ela assomou uma mulher; ao vêr a vèlhinha, tremendo de frio, encostada ao bordão, seu companheiro de viágem, arrastou-a

para a lareira, onde o seu homem e filhos se preparavam para saborear o apetitoso caldo que fumegava.

A chegada da vèlhinha, todos se levantaram para lhe ceder o melhor lugar, dando-lhe a dona da casa algumas das suas roupas, para substituir o fato encharcado.

A vèlhinha encontrou nessa noite, na paz familiar daquela bôa gente, o agasalho e o pão de que tanto necessitava.

Ao outro dia, que amanheceu lindo, como um dia primaveril, a vèlhinha despediu-se.

Sendo tão pobre e não podendo de fôrma alguma pagar os beneficios por êla recebidos, quiz, contudo, deixar uma recordação sua como prova de gratidão, entregando ao bondoso camponês, uma pequena pedra de rara belêsa, que êle poisou a um canto do armário.

Tempos depois, alguns fidalgos, indo caçar à aldeia onde possuíam muitas das suas terras, ouvindo gabar a bondade do lavrador, entraram em sua casa.

Depois de alguns minutos de conversa, um dos fidalgos reparou na pedra, que ainda se conservava no mesmo sítio e qual não foi o espanto do honrado camponês ao ouvir da bôca do fidalgo, que aquela pedra era um diamante.

O camponês vendeu-a, ficando muito rico, mas nunca esquecendo os póbrezinhos, nem a vèlhinha que tão bem soube recompensar a sua bôa alma.



Ora o judeu era jogador apaixonado, e ante a idéa de jogar, tudo esqueceu. O mulato bateu as palmas e logo apareceu uma linda mulata, toda vestida de setim vermelho. Nas orelhas e no colo nú, as pérolas brilhavam.

Mas, ao sentar-se junto de Claribel, o judeu sentiu, com terror, que se transformava num fel-pudo gato persa, e a um sinal do mulato, foi juntar-se a outros dois gatos que brincavam sôbre o tapete. Claribel e o pai retiravam-se e um dos gatinhos persas, disse baixo:

— ¡Tambem tu caíste nas rêdes da bela Claribel! Aqui, onde me vês, sou o príncipe herdeiro do trono da Ilíria, e esta gatinha, que se acha junto de nós, é a princesa Mirtila, minha irmã. Como tu, eu vim à conquista do tesouro, e como tu me deixei seduzir pelo jogo. Mirtila tentou salvar-me, mas se resistiu a tentação do jogo, não resistiu à vaidade. Sómente uma pessoa que vença as três tentações, o jogo, a vaidade e o ouro, poderá desencantar-nos.

Ora, como julgaram isso impossível, os três gatos persas, ficaram muito tristes, sôbre o tapete.

Entretanto, Raquel e Noémia, as filhas do judeu, estavam inquietas pela demora do pai. Raquel resolveu ir à floresta. No caminho encontrou o anão, que lhe disse:

— Formosa Raquel, queres salvar teu pai?

— Se quero, senhor! murmurou a linda judia.

— Então vem comigo, e, se fores prudente, vencerás o génio do mal.

Raquel seguiu o anão que lhe indicou a escada por onde o judeu descera horas antes. Desceu e encontrou-se na sala «cerise» onde Claribel a convidou para jogar. A judia recusou, a-pesar dos esforços da mulata. Correu para um repositório, que afastou, e achou-se numa sala redonda toda forrada de setim azul. Por todos os lados se viam joias riquíssimas, sedas, rendas, peles, veludos, tudo, enfim, quanto uma mulher vaidosa e exigente poderia desejar. Meio deitada num monte de almofadas, estava uma mulata, ainda mais bonita que a primeira, e que, ao vêr Raquel, se levantou dizendo:

— Vem, judia gentil, contempla estas maravilhas! Sou Corália, irmã de Claribel. Tudo o que vês será teu. Vem!

Corália pegou num fio de magníficas pérolas e enfeitou com ele as negras tranças de Raquel, e, pegando-lhe na mão, levou-a diante dum espelho. A vaidade arrebatou Raquel, que sorriu, complacente, à sua encantadora imagem. Soltando uma risada má, Corália, transformou-a numa gatinha, como já fizera à princesa Mirtila. Enquanto isto sucedia, Noémia chorava e desesperava-se. Foi também à floresta, onde lhe sucedeu o mesmo que à irmã. O oferecimento de Claribel deixou-a indiferente e, às seduções de Corália, disse preferir às joias as







rosas vermelhas do seu jardim. Seguiu por um longo corredor, ao fundo do qual havia um repositório, que afastou, e encontrou-se numa vasta sala, onde se amontoavam ouro, pedras preciosas, dinheiro, prata, enfim, riquezas tais e tantas que fariam empalidecer os tesouros de Aladin. Outra mulata, gentil, fez desenrolar ante os olhos de Noémia tudo quanto poderia gozar, possuindo todos aqueles tesouros. Tudo recusou a formosa judia indiferente.

— Senhora, soluçou ela, de preferência a esses tesouros, desejaria antes ter junto de mim meu pai e minha irmã.

A mulata soltou um grito de raiva, e logo as

três mulatas e seu pai se transformaram em môchos, e voaram pela janela fora. O Dr. Samuel, o príncipe Nuno, Mirtila e Raquel, voltaram à sua forma natural.

Noémia foi abraçada pelo pai e pelas duas jovens, enquanto o belo príncipe Nuno, lhe beijava as mãos, reconhecidamente, e... apaixonadamente também.

Foram todos para o país do príncipe, onde, os reis choravam a perda dos filhos. Receberam com muito agrado o pedido que o príncipe fez para casar com Noémia e, pouco depois, realizava-se o casamento. Vivem todos muito felizes e nunca mais se falou no tesouro da floresta.

FIM



## TIPOS LISBOÉTAS

— — — — —

# A MULHER

— DA —

# FAVA RICA

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenho de EDUARDO MALTA



— «Fava rica... fava rica!...»

Ei-la que passa,  
com graça  
no Calhariz, pela Bica,  
Bairro Alto  
e pela Praça  
de S. Bento...  
a apregoar muito alto  
mas num pregão muito lento:

— «Fava rica... fava rica!...»

A' cabeça a grande cêsta;  
e, dentro desta,  
a panela,  
envolta em alva linhagem;  
dentro dela  
a fava rica  
para matar a larica  
de quem não pode almoçar  
antes de ir aos afazeres  
para os seus atelieres,  
repartição, oficina...

— «Fava rica... fava rica!...»

Panelinha a fumegar,  
entre a aragem,

na friagem  
matutina!

— «Fava rica... fava rica!...»

Ei-la que passa,  
com graça,  
a caminhar  
de-vaçar  
no asfalto  
do pavimento;  
e a apregoar  
muito alto  
mas num pregão muito lento;

— «Fava rica... fava rica!...»



# Hora de Recreio

## PALAVRAS CRUZADAS

### PROBLEMA

1	2	3	4	5		6		7	8
9								10	
11						12	13		
14				15	16				
			17						18
19		20					21	22	
					23	24			
25	26		27					28	29
30					31	32			
	33					34			

### HORIZONTALMENTE:

1, marca de lápis; 6, fruto; 9, cheio de amor; 10, interjeição; 11, desmenti; 12, feito de cortiça para andar ao cimo da água; 14, parente; 15, antónimo de macia; 17, dons; 19, onde se dorme; 21, cólera; 23, polida; 25, grande marca de calçado; 28, pronome; 30, verbo; 31, transferir para outro dia; 33, barco de corrida; 34, suspiro.

### VERTICALMENTE:

1, bonecos; 2, verbo; 3, peixe; 4, espaço de tempo; 5, barulho; 6, o contrário de rico; 7, nome de homem; 8, criada; 13, partes do deserto com vegetação; 16, prestável; 17, oferece; 18, nota de música; 20, sarracena; 22, animal que roe; 24, nome de mulher; 26, ordem para ser cumprida; 29, boi selvagem; 33, 2 vogais.

*Francisco Antonio Moreira Paulo*

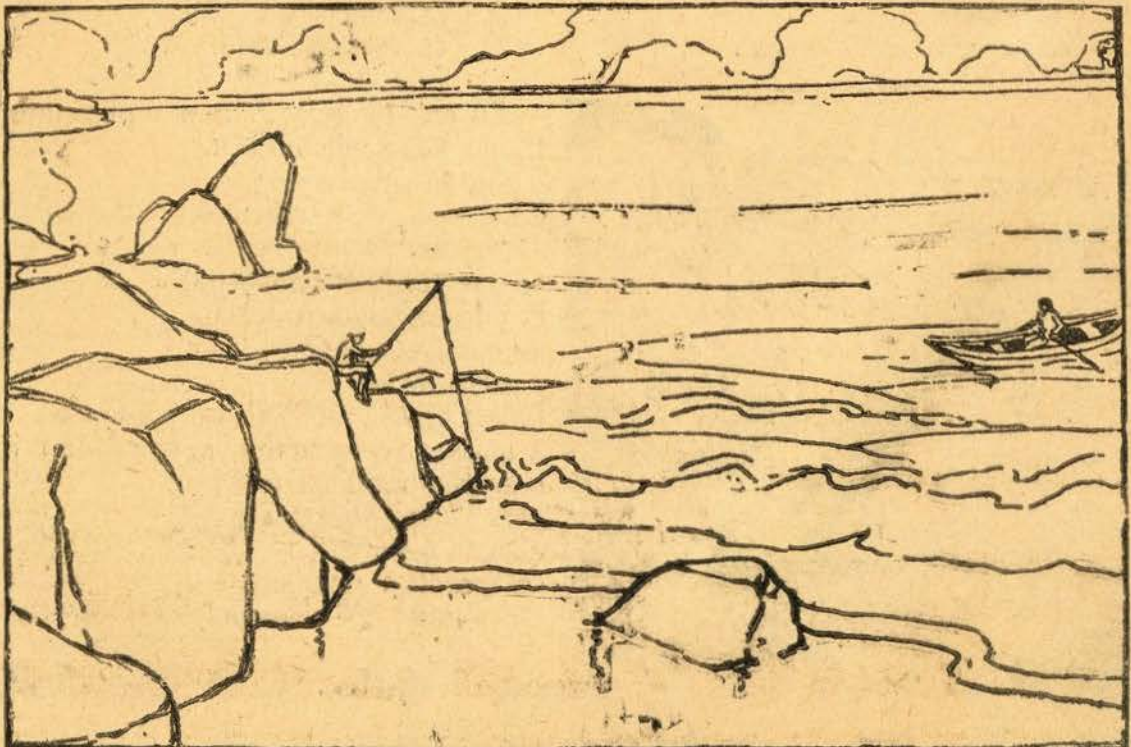
## ADIVINHAS

*por Cecilia*

*Dedicadas ao Aurelio Miguel de Carvalho.*

- 1.<sup>a</sup> — Mastiga, mastiga, mas não engole.
- 2.<sup>a</sup> — Corre léguas e léguas sempre com o bocado na boca.
- 3.<sup>a</sup> — Tem dentes mas não come, tem barbas mas não é homem.
- 4.<sup>a</sup> — É' espesinhada, mal tratada e não se queixa.
- 5.<sup>a</sup> — Estava a senhora suja muito descansada, veio a senhora limpa deu-lhe bofetada.

## PARA OS MENINOS COLORIREM





# MENINICE

(Para as creanças velhinhas)

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA  
Desenho de EDUARDO MALTA

Meninice!... Duas vezes  
somos crianças na Vida;  
nesta vida de reveses,  
ilusões e desenganos:  
desde os três ou quatro meses,  
—(que antes disso,  
flôr sem viço,  
vive a Alma adormecida) —  
'té aos treze ou quinze anos,  
primeiramente;  
depois,  
entre os setenta  
e os oitenta  
até aos noventa;  
—(pois,  
além disso, raramente  
se tem consciência  
da Vida;  
vive a Alma adormecida  
nòvamente!) —  
Criancice!...  
Meninice!...  
Momento lindo de graça



angelical!  
Mas que passa,  
para voltar ao final  
do nossa humana existência!

Porque será que é assim?!...  
que êste ar de graça e candura,  
que esta  
ingenuidade tão pura,  
não perdura  
e apenas se manifesta  
ao começo e ao fim  
da vida da criatura?!



—Eu sei, eu sei!... Bem o pressinto eu!  
E' que nós vimos do céu  
e para lá voltaremos;  
é que dêle 'inda trazemos,  
ao nascer,  
alguns vestígios connosco!  
E' porque no barro tosco,  
de que Deus nos fez, ficou  
a graça do seu fazer!  
Graça que se dilúe, se vai perdendo  
à medida que o tempo vai correndo  
e do céu nos afastamos;  
para voltar, nòvamente  
quando a gente  
se aproxima, por fim,  
do céu de que baixamos!

Será assim?!...  
Talvez.  
Uma ínfima voz me diz que sim!»